

Meu Lugar na UFRGS

FLÁVIO DUTRA/JU



Aprendizado entre prateleiras e vidros

A grande porta de vidro é aberta sem resistência, e Giselle Bernal percorre o interior da biblioteca, no térreo do prédio da Arquitetura. O espaço claro, não ocupado afritivamente com estantes, já se deixa perceber antes de a mão interagir com o puxador e acionar as dobradiças pivotantes: o vidro exclui qualquer atitude de espiar pelo orifício da fechadura ou qualquer expectativa aguardada por trás da maçaneta. Dentro, sentada na cadeira confortável em que muitas vezes se instalam leitores de revistas e jornais, Giselle pode identificar a chegada do repórter.

Ela veio do Paraguai e cursa o terceiro semestre de Administração. O desejo de frequentar o ambiente que escolheu como seu lugar na UFRGS revela que estudar, mesmo sozinho, não é o projeto de um celibatário. Para se aplicar em um texto, segreda ela, ajuda o fato de ver outros estudantes em igual situação, prateleiras de gente com a cerviz baixada em frente a um livro, um monitor, um papel pautado. Nesse espaço realmente acadêmico, a dedicação é estimulada em parceria, a atenção é alimentada em conjunto. A jovem comenta como é agradável se ver cercada por paredes e peças de vidro, em vez de divisórias opacas. Após subir alguns degraus para acessar o mezanino, mesas compridas e tomadas individuais para o plugue do notebook compõem o cantinho favorito de Giselle.

Não são apenas as obras sobre Administração que Giselle traz em suas vindas e idas à Biblioteca da Arquitetura. Orgulha-se de ter conhecido o local antes do grupo de colegas aos quais exibiu a tranquilidade do ambiente. Debater a maneira mais adequada de apresentar um seminário em grupo, aponta Giselle, pode ser feito nas salas fechadas de estudo, situadas à direita no andar superior e à esquerda no andar térreo.

Além de afirmar haver recebido boa acolhida de colegas e professores, a estudante tem se auxiliado, para pôr-se mais rapidamente à vontade, da proximidade de hábitos gaúchos e paraguaios. Isso ocorre na relação dela com o churrasco aos domingos e as rodas de chimarrão. De maneira semelhante ao mate, é tradicional no país de Giselle o tereré, bebido com líquido frio e dito tereré, seguindo o som produzido ao se darem os três goles finais. Especialmente no verão, os colegas brasileiros que compartilham esse costume provam e aprovam a bebida estrangeira. É nas

conversas e na leitura de interesse que Giselle amplia seu vocabulário, pois não cursa aulas específicas de língua portuguesa desde que saiu do Paraguai.

A presença de Giselle Bernal deve-se a um convênio de graduação entre o Paraguai e o Brasil. Porto Alegre, que agora se mostra quando a guria caminha em um jardim público ou visita a casa de colegas, ela a viu apenas no ano em que chegou como aluna universitária, no início de 2012. Antes disso, em viagens com a família, havia conhecido do sul brasileiro apenas as agradáveis praias de Santa Catarina.

A comunicação com familiares hoje se mantém graças ao Skype, acessado sem dificuldade de conexão no apartamento perto do câmpus central da UFRGS. Alguns parentes nunca tiveram contato com a capital gaúcha, e todos estimam o privilégio de estudar e morar em um país com bom nível de educação. Ao desembarcar neste chão para dedicar-se ao estudo e a novos conhecimentos, a primeira questão de Giselle foi encontrar moradia. Estrangeira, não possuía requisitos para que uma imobiliária lhe alugasse bens. Habitou hotel e hospedou-se na casa de uma amiga antes de poder alugar seu apartamento, em resultado apenas da negociação direta com o proprietário.

A inauguração das novas instalações da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BFARQ) ocorreu no dia 18 de junho de 2012, o mesmo ano de chegada de Giselle. O espaço ocupa a área de 660 metros quadrados e resulta do trabalho integrado de professores, alunos, ex-alunos, colaboradores e técnicos. O projeto arquitetônico foi elaborado pelo professor Cláudio Fischer. Depois de a universidade abrir os cursos de Design Visual e Design de Produto em 2006, a Biblioteca já concentra mais de mil e duzentos usuários, inclusive Giselle, graduanda de Administração. A pedido, a estudante descreve, em espanhol, seu lugar na UFRGS: "Simplemente es un lugar donde consigo concentrarme para que mis estudios riendan bastante bien".

Gustavo Duarte Fagundes, aluno do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico

Esta coluna resulta de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET diariamente, às 20h e às 23h.

Perfil

Professor Fernando Becker

Educação

Ele assume que jamais pensou desempenhar qualquer outra profissão

Jacira Cabral da Silveira

No dia 20 de março, Fernando Becker, professor da Faculdade de Educação da UFRGS há 40 anos, comemorou mais um aniversário, ocasião em que foi aposentado compulsoriamente. Sua docência, entretanto, está longe de terminar, pois segue como professor nos programas de pós-graduação da Faced e da Informática na Educação (PGIE). Com formação em Filosofia e pós-graduação em Educação e Psicologia, ele diz que jamais imaginou desempenhar outra função a não ser a de professor.

Fernando nasceu em Rolante, pouco antes de o município emancipar-se de Santo Antônio da Patrulha em 1955. De família italiana por parte da mãe e alemã por parte do pai, ele e os oito irmãos cresceram indo à escola pela manhã e trabalhando na roça à tarde, depois do almoço. À noite, faziam os temas escolares em suas lousas, enquanto esperavam a comida ficar pronta. Numa dessas ocasiões, foi surpreendido com a algazarra dos irmãos: "Eles fizeram a festa quando viram que eu estava lendo", comenta ao recordar episódio tão marcante.

Embora não lembre muito das aulas, conta com detalhes sobre a aventura de percorrer os três quilômetros que separavam sua casa da escola. Ele e dois irmãos saíam antes mesmo de o sol nascer. Além da escuridão, tinham de se manter equilibrados nos tamancos, pois o caminho aberto na mata era feito de pedregulhos soltos, motivo de muitos escorregões e tombos memoráveis. Por outro lado, graças a tais desafios no escuro, Fernando diz ter desenvolvido o senso de direção e hoje é capaz de movimentar-se em seu apartamento durante a madrugada sem acender a luz: "Isso é uma aquisição daquela época", diverte-se.

Adeus ao seminário – Para ser alguém naquele lugar era preciso ser padre, assim Fernando foi o escolhido para seguir esse caminho, o que deixou dona Eliza, sua mãe, muito orgulhosa. O pai, seu Alois, não era de muita fala, mas certamente

também aprovava a ideia de o filho ir estudar no Seminário em Montenegro.

Entre os jesuítas, Fernando encontrou um ambiente semelhante ao existente em sua casa com relação à importância dada ao estudo. Mesmo assim, foi uma transição difícil, pois estava com 13 anos e pela primeira vez saía de casa. Das boas recordações desse período, lembra do dia em que tirou o primeiro lugar num concurso de redação. Como o tema era livre, narrou suas observações sobre uma lagartixa que vivia dentro de sua mesa na sala de aula, a qual ele alimentava com insetos que caçava para ela. "Essa experiência marcou minha relação com a escrita", explica.

Ele ficou no Seminário até o primeiro ano de Teologia, em 1971, quando desistiu da carreira de padre. Já não conseguia conviver com os dogmas religiosos que buscavam racionalidade apoiando-se em coisas que, para ele, eram irracionais, como o fato de um menino nascer de uma virgem. Mesmo antes, durante o curso de Filosofia, buscara romper com algumas restrições intelectuais do Seminário, tendo escolhido fazer seu trabalho de conclusão sobre Teilhard de Chardin, um pensador católico proscrito por propor aproximações entre religião e ciência. Convicto de sua escolha, o único receio de Fernando era dar a notícia aos pais, mas surpreendeu-se com a aceitação: "Tirei um peso dos ombros".

Descobrimo Piaget – A experiência como educador começou em 1970, quando assumiu a disciplina de Lógica e Metodologia do ciclo básico da Unisinos, que iniciou como universidade naquele ano. Em 1973, lecionou História da Filosofia para a última turma de graduação em Filosofia daquela instituição, antes de o curso ser fechado pela ditadura militar. Anos antes, antecipando as consequências da política nacional no ensino de disciplinas polêmicas da área das ciências humanas, Fernando começou a dar novos rumos a sua trajetória profissional sem sair da sala de aula. Foi quando ficou sabendo da seleção para a primeira turma de mestrado da Faculdade de Educação da UFRGS. Naquele mesmo ano, participou das entrevistas e foi aprovado.

Ingressou na Faced em 1973 como professor convidado para lecionar História da Educação em função de seus estudos de História da Filosofia. É preparando essas aulas, ao manusear um manual de história da educação, que Fernando encontra referência "a um tal de Piaget", autor que futuramente embasaria suas pesquisas em educação. Cinco anos depois, ouvindo uma palestra

da professora Léa Fagundes, ele sentiu-se provocado pela teoria de Piaget.

Algumas indagações já estavam presentes no cotidiano escolar de Fernando, que há muito se questionava por que alguns alunos insistentemente não aprendiam, enquanto outros não tinham qualquer dificuldade. Foi com Piaget que Fernando descobriu o que acontecia nesses casos: se o indivíduo não tem estrutura assimiladora para determinado conteúdo, a assimilação se torna impossível. E a estrutura assimiladora não se ensina, se constrói pela ação própria, na interação com a diversidade do mundo físico e social. É nesse período que colegas de departamento o instigam a fazer seu doutorado.

Assim, em 1979, ingressa no doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano na Universidade de São Paulo (USP). Em sua tese, propõe uma teoria da aprendizagem com Piaget e Freire, que resulta na publicação do livro *O caminho da aprendizagem em J. Piaget e P. Freire: da ação à operação*. Mas será na obra *Epistemologia do Professor: o cotidiano da escola*, já na 15.ª edição, que Fernando aprofunda uma de suas grandes questões sobre aprendizagem. Após entrevistar 38 professores de todos os níveis de ensino para estudar suas concepções epistemológicas, ele confirmou a premissa de sua pesquisa: "O professor não pode trabalhar pedagogicamente o conhecimento fora da sua concepção epistemológica; como essa concepção é de senso comum, necessariamente entra em conflito com o conhecimento científico que pretende ensinar".

Em casa – Casado com a psicóloga Tania desde 1991, Fernando tem três filhos, Danielle, Filipe e Bruno. Como a esposa também é professora da Faced e faz parte da mesma linha de pesquisa, a rotina do casal é repleta de compromissos acadêmicos. No ano passado, eles lançaram a terceira edição de um livro em coautoria: *Ser professor é ser pesquisador*. Na hora da culinária caseira, entretanto, a parceria não se repete: "Ela é ciumenta com a cozinha", sorri enquanto mostra os desenhos de Bruno colados na parede de seu gabinete no sétimo andar da Faced.

Em 2012 publicou *Epistemologia do professor de matemática*, fruto de uma pesquisa de mais de dez anos. Projeta desenvolver esta pesquisa com professores de matemática de países sul-americanos, inaugurando uma fase internacional. Sua tese das limitações do ensino em função das concepções epistemológicas de senso comum, não superadas pelo professor, poderá ganhar um novo reforço.



FLÁVIO DUTRA/JU

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local